

23 DE OUTUBRO DE 2000

DNa



ESPECIAL SONS; LONDRES 99 ■ REPORTAGEM: NOS ENTÃO DA MODA

Stop! Há moda em Lisboa

ESTE FIM DE SEMANA O MUSEU DA CIDADE ABRE AS PORTAS AOS CRIADORES MAIS TALENTOSOS DE PORTUGAL. SÃO AS ÚLTIMAS PROPOSTAS ANTES DO ANO 2000. É A «MODA LISBOA», CLARO

Ângelo Correia

DN Entrevista

Foi Ministro da Administração Inter-
na do governo AD, crítico militante
da ortodoxia social-democrata, te-
ve as mais destacadas funções
dentro do PSD. Depois afastou-se
da política. Desencantou-se. Rea-
pareceu recentemente a analisar
com propriedade a questão timo-
rense. Caso para perguntar o que
é feito de si, engenheiro Ângelo

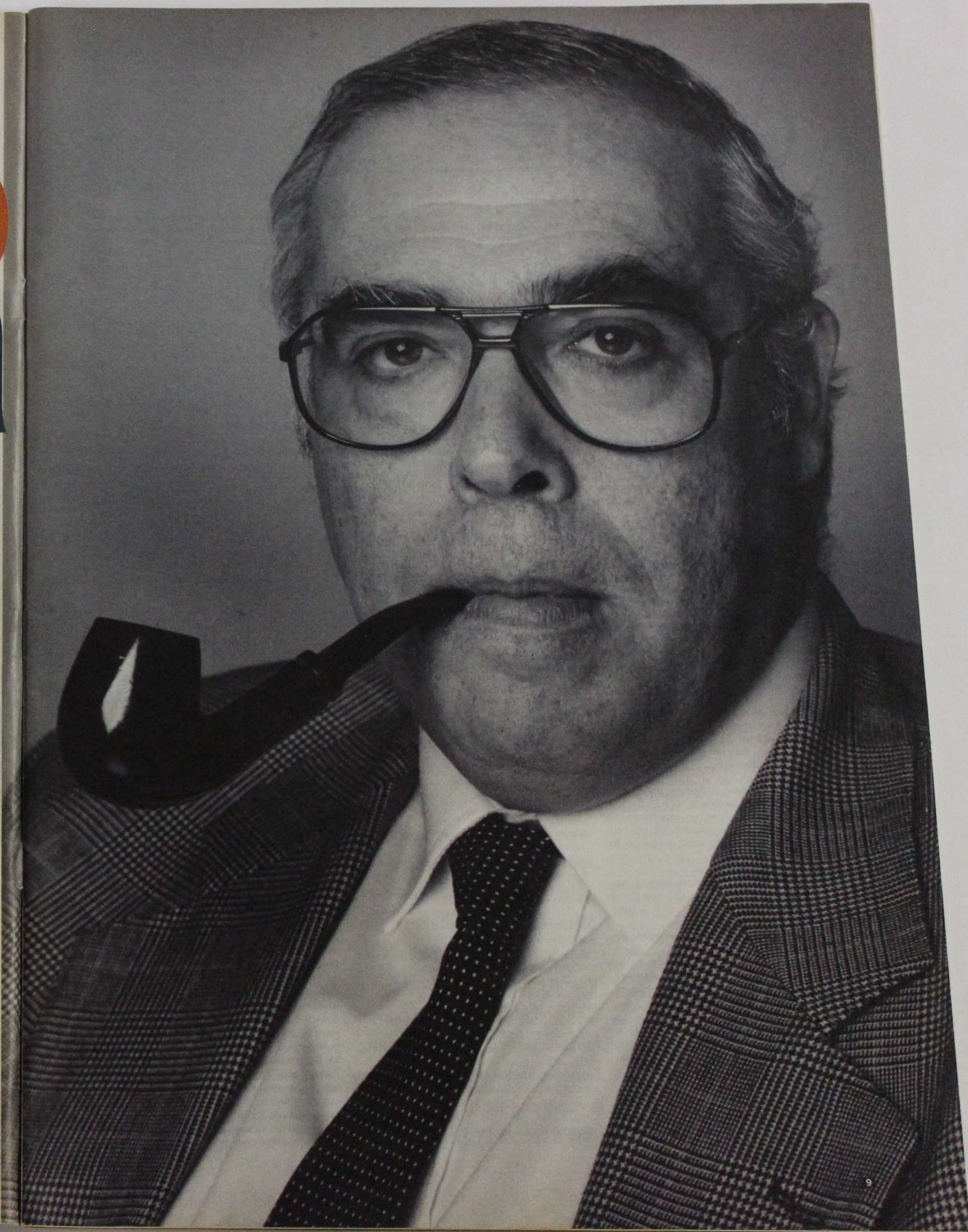
Correia? Como se pode ler a se-
guir, está vivo e recomenda-se

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CARMO
FOTOGRAFIAS DE AUGUSTO BRÁZIO

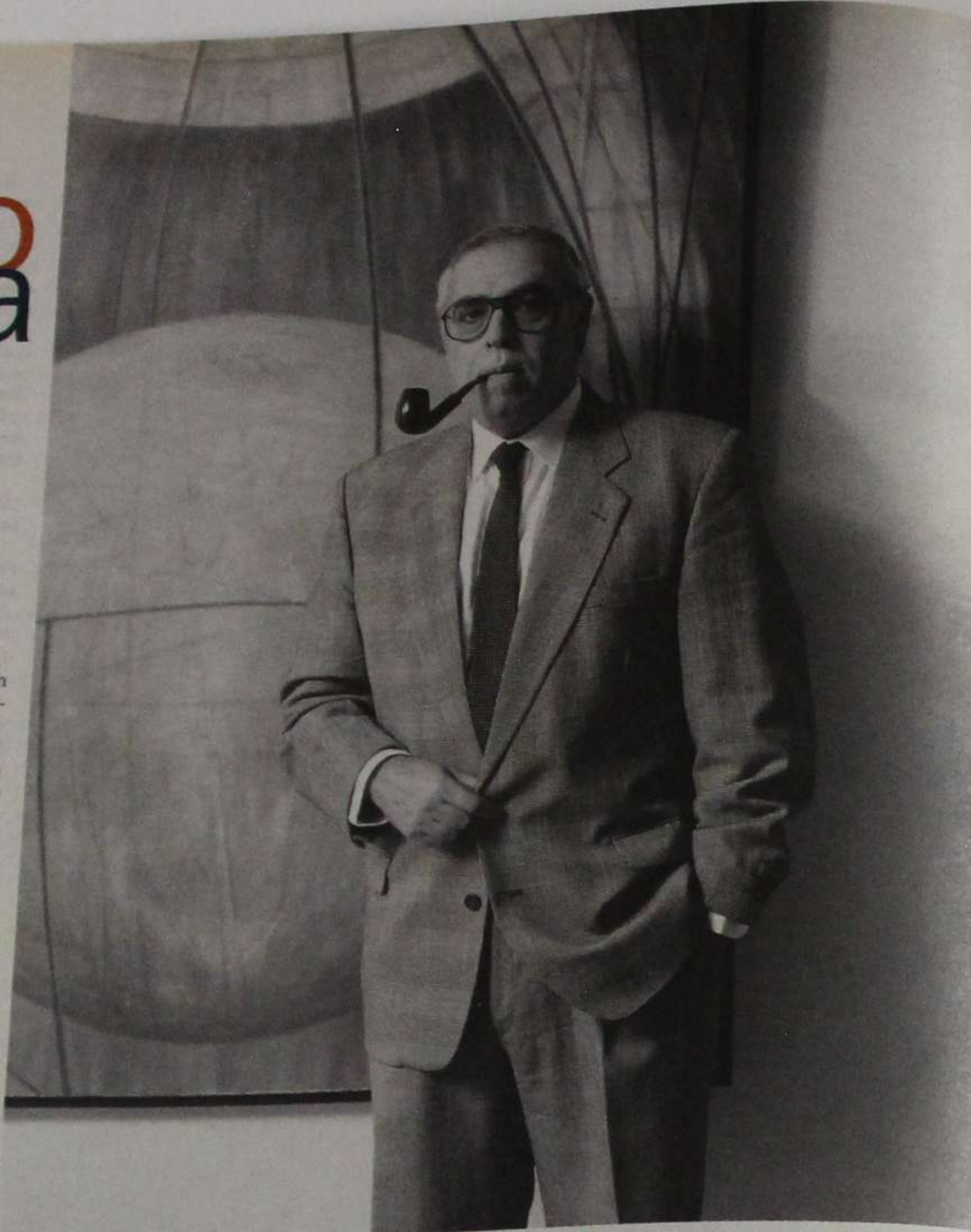
Maném a gargalhada mais perfeita de caricaturar dos tempos áureos da AD. José Ângelo Correia, nascido em Almada mas aveirense por opção, afinal tem horror a ser figura pública. Mesmo depois de ter sido Ministro da Administração Interna e dado a cara vezes sem con-

«O lugar comum do povo português hoje em dia é querer na política santos e heróis. O contrário do que eles podem ser. O político por natureza é o representante do povo: igual a ele, nos seus bens e nos seus males, pecados e alegrias. Mas quer-se alguém que nunca deixou de pagar IVA, sisa, que nunca fez um crime. Só que um santo não representa o povo. Ou seja, está a alterar a própria génese democrática»

ta pelo seu partido de sempre, a que se refere aqui e além pelo nome de PPD, julgo que não por lapsos. Explica preto no branco o saco de gatos em que se meteram Portugal e a Indonésia e Timor e porquê. «Não façamos manchas escuras sobre a História». É engenheiro químico de formação mas alimenta uma paixão secreta pela filosofia desde os tempos do Técnico, que o faz frequentar um mestrado em que Kant e Hegel são os seus mais poderosos adversários. O gestor bem sucedido de gesto largo e palavra mortífera continua preocupado com o estado da nação mas parece estar-se nas tintas para a política propriamente dita. Interessa-lhe mais reconhecer quanto o humanizaram as duas filhas que fez, ou aprofundar o seu problema de fé. O ag-



Ângelo Correia



Quantas horas dorme por dia?

Oito, nove. Nunca janto fora. Oito da noite estou em casa, nunca saio. Tenho uma vida extremamente disciplinada.

Espartana, pelos vistos.

Muito espartana. Mas sem aparentar. Muito organizada: não perco tempo com pormenores. Separo o essencial do supérfluo, e vivo para o essencial.

O que é para si o supérfluo? Ir ao cinema?

Ir ao cinema hoje em dia quase não vale a pena: tem-se a televisão, os vídeos. Nada me arranca de casa, por uma razão: é o tempo do isolamento, de estar sozinho, fora do mundo, não atender telefones. Descanso.

Sei que é um melômano, um leitor compulsivo e fuma cachimbo. Além destes, quais são os seus prazeres?

Gosto de pensar, de meditar, de falar sozinho. De falar sozinho?!

É um exercício terapêutico. Ajuda-me a compreender-me e ultrapassar dificuldades. Não uso nenhuma disciplina de tipo oriental: é tudo ocidentalizado e sobretudo amadorizado. Outros prazeres que eu tenha-gosto de estar só. Gosto de conversar. Preciso das duas. E de ler, muito. Estou a reler (Alain) Touraine, «A Crise da Modernidade» espantoso! Quando uma coisa me apaixonava, leio, releio, treleio.

No meio de tanta empresa para que trabalha não tem empresas suas?

Tenho uma empresa familiar, à qual ligo pouco. Tem o património familiar, acções, bens, são lá colocados. É um meio de enquadrar a família e deixar o património organizado.

Tem uma família extensa?

Não. Tenho duas filhas, a minha mulher com quem sou casado há 29 anos. Não tenho irmãos, infelizmente.

Infelizmente?

Tenho muito pena, sim, porque os irmãos criam sempre uma melhor relação com o mundo, que é sempre mediatizada por outros. E a primeira mediatização é a família. E a última também: é o alpha e o omega.

Mas teve uma infância feliz, e um crescimento doce?

AhTive. Educado num estilo monástico-castrense. É daí que lhe vem esse exacerbado sentido da disciplina.

É uma herança, mais a matriz do catolicismo. A disciplina vem também de ter crescido sempre em unidades militares.

O que advém daí, de bom e de mau?

É uma grande vantagem, se conseguirmos ultrapassá-la. E eu consegui, mas registei sempre no meu comportamento essa matriz constitutiva. Isso e valores, que se aprendem muito com a vida militar: a organização e a lealdade, uma das coisas que mais aprecio na relação com os outros. Receber e dá-la.

Um bem relativamente escasso, nos dias que correm...?

Muito, muito escasso. O que há mais é traição. Já que falamos da sua empresa, diga-me, é rico? Sei que paga 15 a 20 mil contos de IRS por ano. Confirma?

É verdade, é - mais próximo dos 20. No fundo, se me perguntar para quem é que eu trabalho hoje em dia, eu digo: trabalho para o dr. Sousa Franco.

Mas sabe quanto ganha?

O despertar religioso vai ocorrer em mim seguramente. É inevitável. Eu não quero morrer com o drama de João Barois a necessitar de me converter à porta da morte. Preferia que a conversão fosse antes

chatices! Eu nunca comprei roupa na minha vida. Nunca?! Sabe qual é o seu número de colarinho? Tenho uma ideia, julgo que é 43 ou 44. O consumo não me diz nada. Apesar de estar afastado há cerca de 5 anos da política, é inevitável falar-lhe dela. Teve durante todos estes anos funções destacadas no PSD, foi um dos fundadores da SEDES, em 1969, mas não se envolveu nas lutas académicas... Não, na Universidade quando estudava Engenharia Química, a minha paixão era a Filosofia, como lhe disse. Não tinha uma vocação e uma intervenção política activa. Comecei a pensar no assunto, e por razões intelectuais, em 1966.

Nunca sei, sei é quanto pago porque tenho de assinar o cheque. Vou-lhe confessar uma coisa trágica: eu nunca preenchi um boletim de IRS. Quem me faz isso, há 15 anos, é a minha secretária, que me trata de tudo. A Conceição. Ela preenche e eu assino.

Em que gasta todo esse dinheiro? Casas, carros, viagens?

Não, nada disso. Alguma coisa em livros e em discos e o resto pou-pou. Não sou um gastador. Não vou ao casino, nem a festas, não me visto bem, não me calço bem.

É forreta?

Sou o que se pode chamar um forreta e dos grandes.

Um bom gestor é sempre forreta, não é? Mas nem sempre admite.

Um bom gestor também sabe gastar dinheiro. Eu poupo. Se me perguntar para quê para a velhice, não sei, poupo para a família se calhar. Poupo por tradição, por cultura, por maneira de ser, por formação.

Não tem um excessozinho de vez em quando? Não foi atingido pela célebre voragem consumista do fim do milénio?

Tenho excessos, mas de gastos não. Oiça, a minha vida é independente das modas. Faço-a de maneira a sentir-me bem comigo próprio, e não com os outros: não são eles que determinam a minha felicidade. E gastar dinheiro não me dá felicidade nenhuma, só me dá

minha alma, se ela existe. Sinto-me profundamente marcado pela cultura, moral e princípios judaico-cristãos. Se me perguntar se consigo ter fé perdi-a quando tinha 20 anos.

Porquê?

Penso que foram argumentos intelectuais. Nunca consegui resolver em termos cristãos o problema da distinção entre o Bem e o Mal, da relação de Deus com um e com outro.

Não acredita então que haja um Mal?

É que há. Mas estou a falar-lhe do meu passado. Não consegui nunca perceber em termos de doutrina porque é que Deus permitiu o mal. Não foram problemas de relação com a hierarquia, as minhas razões foram teológicas e filosóficas. Para mim o problema do Vaticano e da «Madre Eclésia» é um problema subsidiário. Porque a Igreja é feita por homens e os homens erram. Mas se Deus existe está para além disso tudo. E é mais poderoso, mais importante que isso, é onnipotente, onnisciente, é omnipotente, e não tem nada que ver com a mediocridade e a transitoriedade humana.

Isso compagina-se pouco com as palavras de um agnóstico.

Eu não sei se Deus está dentro de nós ou se é a natureza.

É um pagão com esperança?

O despertar religioso vai ocorrer em mim seguramente. É inevitável. Eu não quero morrer com o drama de João Barois a necessitar de me converter à porta da morte. Preferia que a conversão fosse antes.

É interessante ouvir um agnóstico que sonha com a conversão. Tem pena de não ter fé?

Tenho pena. A fé ajuda muito a viver, sabe? Você tem de ter uma explicação. E como dizia o meu querido professor de moral, o padre Alberto Neto, a fé é um depósito de água com um buraco no fundo por onde se escoam a água, que é a natureza humana. Um dia acordamos com a bilha vazia. E temos de lhe meter água todos os dias. Temos de a alimentar. Eu penso que

O prof. Cavaco parece daqueles grandes eucaliptos. Enormes. Que sobem para o céu. Com uma folhagem que ocupa o espaço todo. Só que o terreno em volta fica seco. Este foi o problema do cavaquismo em relação ao PSD. Mas em relação ao estado português, foi um grande primeiro-ministro, dos grandes que Portugal teve. Com um sentido de Estado ímpar

deixei de alimentar a minha fé. Gostaria de um dia voltar a ter condições para ter fé. E vou fazer por isso. Sente-se em muitas das suas intervenções que a questão das elites o preocupa seriamente.

A elite é uma questão fundamental para Portugal. Que conseguiu durante a sua História decapitar as suas elites. Continua a fazê-lo? É uma tendência autofágica fatal?

Continua, pois. É uma tendência para o nivelamento por baixo. Portugal tem horror às elites porque tem horror à superioridade, ao grande desafio e ao grande protagonismo.

Somos uns complexados?

Não sei o que somos porque não sou antropólogo nem um analista social suficientemente credível e elucidado para perceber o que é Portugal. Sei que o grande momento da gesta nacional foi o momento da multiculturalidade. Existia convivência entre judeus, árabes, moçárabes, cristãos, genoveses, venezianos, tudo. Tudo contribuía com a sua parte de ciência e cultura para o entrosamento do amplexo nacional. O que permitiu a grande aventura do mundo e dos mares. A partir de certa altura, Portugal começou a ser inquisitorial - por razões de Estado, religiosas ou económicas - e aí começou-se a castrar. E a esmagar as elites. O país aceita a grande elite, mas não aceita a ascensão. O pior período da vida de um cidadão é quando está em fase de mobilidade social ascendente.

Isso não se chama inveja, muito prosaicamente?

A inveja é, no fundo, o sentimento natural de todos os que têm horror à elite.

Platão esmoreceria se acordasse em Portugal e percebesse quão longe isto anda do conceito de governo dos sábios?

Platão não viveria em Portugal. Também não vivia na Grécia de hoje. Viveu na Grécia do séc. V de Péricles, que é outra coisa.

Disse em 1996: «a actividade política é hoje para-criminosa. E temos de cortar este nó górdio». Como é: o político hoje deve ter só vocação parlamentar, o talento retórico basta como ao sofista antigo?

Essa é uma pergunta que me obriga a um falar so-frendo falar empenhado. O lugar comum do povo português hoje em dia é querer na política santos e heróis. Ou seja, o que quer dos políticos é o contrário do que eles podem ser. O político por natureza é o representante do povo: igual ao povo, nos seus bens e nos seus males, pecados e alegrias. Mas quer-se alguém que nunca deixou de pagar IVA, sisa, que nunca fez um crime. Aquilo a que o povo aspira hoje para a classe política são santos. Mas quando quer um santo não quer

Lic. Arquitectura do Design
Faculdade de Arquitectura, U.T.L.

Design no quotidiano

Exposição de 13 a 31 de Outubro
Conferências 26 e 27 de Outubro 1999

Sociedade Nacional de Belas Artes

auditério 5 da Faculdade de Arquitectura

Ética vs (?) Estética no Design
Que Design para o desafio da qualidade global?

Projecto DA ZETO

encontros de design - FA UTL

Associação de estudantes
Centro e Associação de Alunos da Faculdade de Arquitectura
c/rua 161 2018 - LISBOA
tel: 213 62 11 11 - fax: 213 62 11 12
http://www.ta.zeto.net

novidades

INSTITUTO PIAGET
DIVISÃO EDITORIAL

AS CIÊNCIAS COGNITIVAS
JEAN GAUBRIOT, MARCOLEA
Preço: 1700\$00

A SEXUALIDADE MASCULINA
RICHARD MILNER, LINDOR, CEMPA
Preço: 1700\$00

O CLÍNICO GERAL E O SEU PACIENTE
Apesar do progresso da medicina, o quotidiano do médico continua profundamente marcado pelas relações humanas.
Preço: 1700\$00

AS CIÊNCIAS COGNITIVAS
Que ensinamentos delas tirar? Que esperar delas? Para o autor chegou a hora de expor numa linguagem clara e acessível a todos.
Preço: 1700\$00

A SEXUALIDADE MASCULINA
Uma viagem ao complexo mundo da sexualidade masculina.
Preço: 1700\$00

A RESPONSABILIDADE MÉDICA
QUE MORTAS?
Nos últimos cento e cinquenta anos, queixas inadmissíveis levaram à condenação penal de médicos cuja responsabilidade outrora não podia ser posta em causa.
Preço: 1700\$00

À VENDAS NAS MELHORES LIVRARIAS

INSTITUTO PIAGET / DIVISÃO EDITORIAL
Largo da Madre Deus, 9 - 1900-311 Lisboa
Tel.: 862 05 00 • Fax: 868 82 77

PEÇA INFORMAÇÕES E CATÁLOGOS PARA:
Rua D. Afonso Henriques, 22-1.º dt. - 2695-011 Bobadela LRS
Tel. 995 95 20 • Fax 955 34 75
E-mail: piaget.editora@mail.telepac.pt
www.ipiaget.pt

20 ANOS
INSTITUTO PIAGET
1979 - 1999